

FOUCAULT SAIU DO ARMÁRIO EM UM EVENTO LGBTQ+ DE OURINHOS - AS HETEROTOPIAS E O ARMÁRIO NOS LUGARES E ESPAÇOS.

Caio Campos Vicente¹

Andréa Aparecida Zacharias²

RESUMO: As relações de poder são intrínsecas, as relações entre a sexualidade e as experiências individuais na dinâmica social; um acordo básico que abordam focos diferentes. Esse artigo reflete a heterotopia foucaultiana, o armário de sedgwick e os eventos LGBTQ+ produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, no centenário do município, revelando a experiência da pesquisa empírica ao cotidiano do sujeito que orienta sexualmente em cidades pequeno no interior do Estado de São Paulo. Enfocado em grandes centros, o movimento LGBT em virtude da pouca expressão de formação de um mercado flexível vinculado ao desejo, com a sexualidade local. Pensar o movimento LGBT vividas com extrema dificuldade, em pequenos centros urbanos. Por outro lado, enfatizamos os interesses teóricos nas lutas políticas para o reconhecimento da diversidade sexual, originalidade e constante em virtude de contextos pouco progressistas, em condições regionais. Evidenciamos a pesquisa estabelecida nas cidades de Ourinhos, SP-Brasil.

Palavras chaves: Geografia, gênero e sexualidade, Heterotopia, Epistemologia do armário.

ABSTRACT: Power relations are intrinsic as relations between sexuality, individual experiences and social dynamics, a basic agreement that address different focuses. This article reflects the foucoltian heterotopia and the sedgswick closet, and the LGBTQ+ events produced by Carlos Barra, Rodrigo Modesto and Elaine Santos, in the municipality's centenary, revealing the experience of empirical research to the daily life of the subject who orientates sexually in small towns in the interior of the State of São Paulo. Focused on large centers, the LGBT movement due to the little expression of formation of a flexible market linked to desire, with local sexuality. Thinking about the LGBT movement experienced with extreme difficulty, in small urban centers. On the other hand, we emphasize theoretical interests in political struggles for the recognition of sexual diversity, originality and constant due to less

¹ Mestrando em Geografi a pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – PPGG / IGCE / UNESP/Câmpus de Rio Claro-SP. Bacharel e Licenciado em Geografia pela Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação – FCTE / UNESP /Câmpus de Ourinhos-SP.

²Prof^aDr^a da Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação FCTE da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho UNESP/ Câmpus de Ourinhos SP, Prof^a Credenciada no PPGG/IGCE/UNESP/Câmpus de Rio Claro SP.

progressive contexts, in regional conditions. We evidenced the research established in the city of Ourinhos, SP-Brazil.

Keywords: Geography, gender and sexuality. Heterotopia, Epistemology of the Closet.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS - DEVISSOS NA CIDADE DO CORAÇÃO DE OURO.

João Silvério Trevisan em sua obra *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, no primeiro capítulo "*Cinema Íris e os bastidores do Brasil*" relata perspectiva para compreensão da LGBTQfobia, conseqüentemente, revela-se, a compreensão da sociedade brasileira perante a sociedade LGBTQ+, que aqui, neste artigo, contextualizará o movimento social e político tem como contexto o município de Ourinhos e algumas reflexões teóricas e metodológicas.

Já dizia o poeta italiano Pier Paolo Pasolini que o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais, com base em novos e velhos argumentos. Além de ser inútil para a reprodução da espécie, a prática homossexual solaparia a família (em cujo seio se geram os novos consumidores) e seus padrões ideológicos (cuja ordem é consumir). Se talvez pareça impensável o extermínio maciço de homossexuais, como ocorreu no passado em nome de certa pureza de costumes, o que teríamos em lugar do triângulo rosa nazista seria uma generalizada desqualificação moral, de modo que "o homossexual continua vivendo num universo concentracionário, sob o rígido controle da moral dominante", nas palavras de Pasolini. E eu acrescentaria: sob controle também da mentalidade empresarial, em época de globalização do mercado. (TREVISAN, 2002, p.19).

Neste vácuo político de espaço públicos e extermínio maciço, a reprodução das doutrinas heterossexista e a ideologia homofóbica, em diferentes composições de homofóbicas: clínica, antropológica, liberal e burocrática, no espaço público e nas manifestações socioculturais (BORILLO),

Surgem os eventos LGBT em Ourinhos, produzido por

Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, tornando-se uma política-ideológica no espaço público, desenvolvendo uma crise do capitalismo e a recrudescia institucionalizada, criando execrações morais e infladas, sempre de olho no capital. A homossexualidade, um alvo fundamental político-empresarial, tornando a generalização da crise de esgotamento moral, unindo-se em bancadas políticas, na política institucionalizada. (TREVISSAN, 2018)

O capitalismo moderno criou o “espaço social” para uma identidade LGBTQIAP+ em emergência. A concentração industrial e financeira concentra pessoas, criando um anonimato pouco existente na sociedade humanas, possibilitando a indivíduos separados flexibilizarem e experimentarem praticas sexuais e sociais alternativas, longe da estreiteza do cotidiano da vida rural. O ponto de vista especialista, afirma que o "desejo queer", é congênito, constituído de uma identidade de significância. (WOLF, NORTON, 1997)

Este artigo tem pretensão de mostrar e reforçar o papel da relação de espaço, gênero e poder e como um dos elementos fundamentais para análise contemporâneas da inclusão/exclusão, público/privado, social como formação cultural e eventos LGBTQIA+ produzidos em recortes mensais e em lugares de espaço mutáveis de Ourinhos.

A partir de vivências urbanas da população, da migração queer e suas performático na biopolítica e o giro performático nos territórios do seu cotidiano une em formas diferentes do cosmopolitismo urbano que pretende pensar a cidade (SILVA, SILVA, 2011; BINNIE, 2004), neste estudo a cultura, a paisagem e o território no município de Ourinhos e suas compilações migratórias e o processo queer de sair do armário, constituindo uma rígida trajetória destinada a um lugar exteriorizado em um anonimato de liberdade, contemplativa (FELICIAntonio, SILVA, 2014, Foucault, 2008, Butler, 1990)

Estão, quando pensamos em pequenas-medias cidade, que usaremos o município de Ourinhos, um grupo social, e conceito de espaços/espacialidades (MASSEY, 2005) surgem modos e usos de apropriações de espaço centrados e caracterizados por grupos, nomeadamente, sofrendo com a dificuldade de expansão pública e afeto e o direito ao espaço, que origina o uso de suas especificidades em determinados espaços urbanos.

As heterotopias foucaultiana ainda debate que a realidade da criação da ilusão, denuncia a realidade como ilusão, cria-se outro espaço real/perfeito, meticuloso, disposto ao desordenamento, usados como instrumento econômico de reserva de imaginação. Espaços absolutamente outros; forçosamente, “heterotopologia”, e nenhuma sociedade constitui, nem classificando a sociedade as heterotopias as quais preferentes, que caracterizam como lugares sagrados, privilegiados e proibidos, que dispõe indivíduos de comportamentos; normas exigidas, exigidas em lugares reais de vários espaços, em todos os tempos, como um próprio espaço de definição, fora do tempo, em uma ideia totalmente moderna com as próprias culturas, o corpo para manter. (FOUCAULT, 2008);

A ocupação do espaço público urbano sempre foi considerado um fator que delimita o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, pós-industriais, e a facilidade de encontro sempre foi pautada por uma acessibilidade maior no espaço público, como as ruas, as praças e outros espaços múltiplos e públicos que buscam por lugares de encontro e maior interação social, o que sempre foi uma característica da comunidade LGBTQIAP+, que como alternativa buscava (e continua buscando) um refúgio em determinados pontos das grandes, médias e pequenas cidades, dos quais “se apropria”. (VIEIRA, 2005).

Com isso, a cidade tornou-se um espaço de multidão e anonimato em grandes centros com relações sócio-

sexuais potencializadas (VIEIRA, 2010) e legitimadas (ABRAHAM, 2009), como a concentração de serviços de construção de sentimentos de pertencimento a uma “comunidade”, ou grupo social, devido a uma maior interação social com os seus pares, com relações entre as dinâmicas de amizades e relações sociais. (NARDI, 1999)

Porém, em pequenos centros urbanos, o isolamento e a marginalização aparecem muito mais presentes que em grandes centros urbanos, devido à falta de espaços de multidão e anonimato, pois em pequenos centros urbanos, as manifestações culturais são mais características de cidades pequenas, por essa causa, os conceitos sociais e culturais de “armário” e “visibilidade”, deslocam-se dos grandes centros urbanos, para pequenas e médias cidades. O movimento LGBTQP+ torna-se figura central para entender a investigação sobre festas mensais em lugares não fixos, muito na dissonância do centenário do município Ourinhos.

HETEROTOPIAS E ARMÁRIOS EM UM EVENTO LGBTQ+ EM OURINHOS.

Reforçando um olhar dialético sobre a metáfora do armário, que responde às necessidades de representações íntimas, por outro lado, estrutura que melhor sintetiza a opressão gay desde século (SEDGWICK, 2004), historicamente constituída com a população LGBTQIAP+ que fica nos “armários” e suas múltiplas construções sociais; a invisibilidade desejo, desenvolvendo assim uma cultura específica sobre a epistemologia do armário, conferindo à cultura e a identidade gay como uma maior consistência ao longo deste século criando padrões de modelos específicos (invisíveis e codificados) da sociabilidade urbana como sendo o principal gancho em espaços públicos urbanos.

O armário é permanentemente e representado como símbolos da opressão e vivências sociais e especiais que se



constroem sempre presentes nas vivências, no modo de como as pessoas vivem em espaços sociais e como são construídas, almas amorosas de não manifestação de atos amorosos LGBT em espaço público. (SEDGWICK, 2004).

Os processos de construção ao entrar e sair do armário se faz no cotidiano da população LGBTQIAP+ de Ourinhos, em espaços públicos, semi-públicos e privados, em festas mensais, mensais, não lugares específicos e com as mesmas materialidades do tempo. Um jogo estranho de tempo-espaço e na maioria das vezes, cheio de regras e normas desconhecidas e com muitas incoerências, jogando muitos assuntos em “senso-comum” que no cotidiano, conseqüentemente joga para a invisibilidade, seja em ambientes do espaço público ou espaço privado, a naturalização de por onde os LGBT já foram em Ourinhos? Um exemplo disso.

Diante disto, enfaticamente os termos da distinção entre “público e privado” ao mesmo tempo, o atual quadro que regula a existência do ser; codificando um a um sistema aflitivo de duplo constrangimento, oprimindo sistematicamente as pessoas, identidades e comportamentos LGBTQIAP+ e oprimindo a identidades coletivas e comportamentos minando os próprios alicerces da existência por meio de estribos implementados no discurso contraditórias implementados ao discurso.

A sociedade que coloca os corpos LGBTQIAP+ a marginalização e a opressão, criando a constituição de guetos urbanos, de qualquer forma a visibilidade controlando o discurso e espaços de afirmação e visibilidade, no espaço, no caso o espaço urbano que o “armário” pode moldar, salientando ao afirmar no espaço do armário, sendo simultaneamente discursivo e material, estas dimensões dependem e trabalham uma com a outra. (SEDGWICK, 2004)

O armário é uma metáfora espacial prova a recusa, confinada e ocultada das vidas e experiências queer, na sua



duplicidade como “estrutura espacial da heteronormatividade, o armário pode ser fixado como um local de opressão, mas pode ser também um local resistência e criatividade” (BROWN, 2006).

"Quando os espaços urbanos são heterossexualizados é esperado que seja apresentado como heterossexuais e não como gays e lésbicas. A heterossexualização do espaço ocorre de modo ao mesmo tempo sutil e aberto, que inclui o auto-policimento dos gay e lésbicas, a sua exclusão física de espaços particulares, a manifestação da desaprovação moral, ou a ameaça do uso de violência. Enquanto a heterossexualidade é omnipresente, as identidades homossexuais “em público” são muitas vezes percebidas como tendo saído do seu lugar certo - a esfera privada, a casa, o armário. (BRICKELL, 2000)

O espaço público é construído como espaço heterossexual em pelo menos dois sentidos, como afirma Brickell, O autor constitui os sentidos, de início, a heterossexualidade em público é considerada não problemática, enquanto as identidades LGBTQIAP+ por meios sutis ou abertos. Em segundo lugar, a heterossexualidade não é obviamente marcada em público, discurso é uma mobilização das tendências conservadoras do liberalismo e uma negação concomitante da posição privilegiada concedida à heterossexualidade.

O espaço público é construído como espaço heterossexual em pelo menos dois sentidos, como afirma Brickell, O autor constitui os sentidos, de início, a heterossexualidade em público é considerada não problemática, enquanto as identidades LGBTQIAP+ por meios sutis ou abertos. Em segundo lugar, a heterossexualidade não é obviamente marcada em público, discurso é uma mobilização das tendências conservadoras do liberalismo e uma negação concomitante da posição privilegiada concedida à heterossexualidade.

O autor refere-se a cultura LGBT e sua expressão pública em espaço urbano, vista como o “outro” fora do lugar, sendo definitivo para defender que as orientações sexual (homossexuais



os bissexuais) e identidades de gênero (travestis e transsexuais) que só tolera quando se mantém no palco e no espaço público é vivenciada como uma “intolerável brecha na fronteira. “No entanto, a onipresença da heterossexualidade não é reconhecida, o que leva muitos a afirmarem que ela não é pública, isto porque a heterossexualidade é naturalizada e universalidade, de forma invisível em espaço público, apesar das práticas heterossexuais de facto dominantes e onipresentes”. Na realidade, a heterossexualidade é, como Brickell afirma, uma invisibilidade visível. A heterossexualidade é visível porque é tudo que há, e, por outro lado, é invisível, não é reconhecida como sendo a “heterossexualidade”.

Com isso, as cidades adquiriram assim não apenas um papel importante na construção das identidades queer, mas na (re)produção desses espaços, como elementos fundamentais no turismo urbano, migrações, manifestações em algumas cidades ocidentais. (BRICKELL, 2000, BELL, BENNIE, 2004).

Embora essa tendência poderia ser facilmente atribuída ao sucesso pelos movimentos sociais LGBT e o reconhecimento dos LGBT como um nicho de mercado, acompanharemos por outras formas de transformação urbana, nomeadamente a mercantilização do espaço público, relacionando como um crescimento do processo urbano e uma mudança rumo a uma forma mercadológica da gestão urbana, para marcar uma posição para o cosmopolitismo, uma forma mais desejável do capital cultural contemporânea, enfatizam a sua diversidade étnica. Em um número crescente de casos, o espaço “queer” funciona como uma forma desta diversidade étnica, provisoriamente promovido pelas cidades, tanto como equivalente a outros bairros étnicos e como um indicador independente de cosmopolitismo. (RUSHBROOK, 2002)

O consumo hoje central para o modo como a cidadania é definida, a gestão e disciplina da "self" ocorre através de nossas



escolhas como consumidores. O crescimento da visibilidade das lésbicas e gays associada ao marketing gay e desenvolvimento de seu discurso da “economia rosa” ou “pink money” facilitou a articulação das reivindicações de direitos, mas também gerou debate sobre a natureza das liberdades conquistadas e as exclusões produzidas. Inclusões e exclusões produzidas, inclusões e exclusões são baseadas em torno da capacidade de consumir. (JAYNE, 2006)

A expressões no modo de vida urbana da população LGBT, ou o urbanismo queer, fortalece relacionamentos como a construção da visibilidade urbana LGBT e tem como elementos centrais a existência de espaços de lazer e encontro, bem como espaços comunitários e de intervenção social. (LESS, 2004).

Esse espaço de lazer comunitário ganha um realce fundamental na espacialidade LGBT pela importância em que o espaço físico traz, os modos de comunicação, e a inter-relação no cotidiano tem na construção dos modelos de vivências urbanas desta população, reforçando, por outro lado, o sentido com que esses mesmo quotidianos são informados pela relação entre LGBTfobia e a visibilidade, assim o espaço de encontro que se tornam essenciais, como afirma Inês Menezes no seu estudo antropológico sobre sociabilidade.

“Assim, os bares não são simplesmente espaços físicos para uma experimentação (sexual e social) mais segura; nem é apenas fisicamente que poderemos ler a sua delimitação dentro da cidade. Neles se procede também à elaboração de um discurso colectivo de diferenciação pela positiva, de oposição ao discurso da sociedade envolvente acerca da homossexualidade. Num certo sentido, estes são também locais, de resistência discursiva, de fronteiras de significação. (MENESES. 2000, p.933)

Neste lógico, as questões de seguranças dos territórios e dos espaços de encontro são fundamentais na investigação sobre

a temática das geografias das sexualidades. Com isso, a questão da segurança dos territórios e dos espaços de encontro são elementos fundamentais da investigação sobre temática das geografias das sexualidades efetivamente a temática da insegurança no espaço urbano tem sido um elemento de investigação recente na geografia, mas que nos parece fundamental abordar. (BINNIE, SKEGGS, 2004)

Ao analisar como se constrói socialmente do medo da violência e do crime a partir de identidades sociais diversificadas, reforçando a ideia de que “muita gente associa fortemente o medo com lugares específicos” salientando ainda que as identidades sociais em que análise de gênero, a raça e a idade são potenciais por outras facetas como classe, local de residência, rendimentos, e orientação sexual. (PAIN, 2001)

Reforçando nesse sentido o papel, com diferentes formas de exclusão, nomeadamente os atos (sub)criminais, incluindo nestes o assédio e a segregação racista, sexista e homofóbica, que identifica como presentes nos diferentes espaços da cidade “relembrando algumas pessoas a sua vulnerabilidade ao crime e aumento o medo.” (PAIN, 2001)

Contudo, a cidade fornece o espaço de encontro e de mobilidade, por muitas vezes segura, que as orientações sexuais e identidades de gênero parecem necessitar, o que mais uma reforçada a importância da cidade na construção das subjetividades LGBT como elemento fundamental na construção de outras especialidades e territorialidades.

“É pois este processo de etniciação das identidades gays e lésbicas de zonificação da diferença crítica do consumo como marcas identitária que se torna essencial na construção de um modelo de estudo das especialidades lésbicas e gays que vá além dos processos de procedimentos centrados em dinâmicas localizadas neoliberais e “eticistas”. (BINNIE, 2004).

Importante salientar que todas as vezes que colocamos



lésbicas e gays, entendemos como LGBT, uma vez que a inclusão da identidades e cidadania em construção “T” nas políticas teóricas-metológicas e antiviolença no debate sobre as orientações sexuais e identidade de gênero, traz uma humanização a essa fatia social da população e que a marginalização em ambos os termos mostra a essencialidade da construção dos modelos de especialidades urbanas, procedimentos nas dinâmicas neoliberais. (SILVA, 2009, 20123)

Por isso, a necessidade de potenciar e investigar as expressões materiais e discutidas sobre estes eventos em Ourinhos e a relação entre “armário” e “visibilidade” que, expressa uma determinada sociabilidade, indestrutível pelo “armário enquanto expressão da heteronormatividade e sistema sexo gênero e expressão das alterações social, culturais e econômicas das sociedades contemporâneas. Segundo Foucault

“A época atual seria talvez de preferência a época do espaço estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredita, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua rede espaços reais - espaços que existem e que são formados na próprias fundação da sociedade que são algo como contra-sítio, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente representados, contestados e invertidos.” (FOUCAULT, 2008)

O simultâneo, conforme colocado no texto no, é longínquo e disperso. Os eventos LGBT de Ourinhos, caminham aos mesmo processos. Esse texto, teve um breve reflexão da composição teórica sobre eventos, esses eventos, representados pela teoria queer, da paisagem de cultura pública e privada.

Ourinhos e o movimento LGBT apresentam desafios para realização de eventos LGBTQ+, especialmente se comparadas a pequenos-médios centros urbanos, onde a uma estrutura de comunidade, estabelecida por uma cultural aberta. No entanto, significa que eventos LGBTQ+ em pequenos centros urbanos. A



característica de comunidade local, ativa na área, envolve organizações e trabalhos, para garantir um interesse pelo suporte e iniciativa da produção de evento, uma produção cultural LGBT.

A seguridade, em pequenos centros urbanos, pode ser menos, ha um risco muito maior, pelas radicalizações do sistema sexo-gênero, hostilidade e intolerância na garantia do trabalho, e reconhecer a necessidade do desejo da comunidade LGBT, que em pequenos centros urbanos, realiza eventos, tem umas vida cultural, com apoio local e estabelecimento de parceiras, empregabilidade e garantia de segurança ao atendimento do divertimento da comunidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: FOUCAULT SAIU DO ARMÁRIO EM UM EVENTO LGBTQIAP+ DE OURINHOS.

Foucault desenvolve a criação de heterotopia (um campo científico) com o intuito de estudar e analisar as manifestações sociais ocorridas nestes espaços diferentes, apresentando por isso seis princípios explicativos e construtivos das heterotopias, essas heterotopias não hegemonia de existência de suas condições.

De acordo com o contexto social, cultural, etc., a heterotopia assume novos papéis, estando por isso em permanente mudança. Repensando a ininterrupta mudança de práticas e dos espaços dá-nos pois uma percepção não fixa e em contínua transformação desses mesmos espaços e práticas. As heterotopias são elementos explicativos da relação entre espaço e tempo que ele define como heterocronias. As heterotopias são assim acumulativos do tempo, como as bibliotecas e museus, mas, também, múltiplas nos diferentes usos do termo dos quotidianos, sendo diferenciadas dos mesmos. Usos esses diferenciados também no contínuo espaço tempos e nas temporalidades do quotidiano (dia/ noite) As heterotopias possuem um sistema de abertura e fechamento que as isolam do espaço em torno, potenciando os conflitos e os usos diferenciados dos espaços por

Como afirma Foucault, as heterotopias são de acordo com o contexto social, cultural que assumem papéis de permanentemente em mudanças, passando por mudanças de práticas e de espaços que nos paira uma percepção não fixa e contínua transformação desses mesmos espaços físicos, exemplificando as relações entre espaço e tempo, define acumulativas com o tempo, são acúmulos históricos do tempo, sendo as mesmas alternadas conforme a passagem pelo próprio.

Como tem um sistema de abertura e fechamento, que se isolam no tempo em torno do potencial de conflitos e uso diferentes dos espaços por grupos sociais, talvez é esse o contexto a qual Ourinhos se encontra, basta olhar o capítulo onde as entrevistas com os produtores de eventos e ver a transição e de transformação sobre as festas.

Ao longo deste artigo, quis elaborar uma perspectiva teórica sobre os modos de como a geografia pode potencializar a investigação sobre a espacialidade LGBT, utilizando a rigidez dos territórios “fluido” dos espaços onde pode-se criar visibilidade e análise teórica que potencializar um olhar “queer” sobre o “direito ao espaço” e “direito ao espaço público privado”, levando assim a necessidade a repensar os modos da geografia e o diálogo da universidade com a população em geral, onde tanto a geografia quando a universidade deve ter um contato direto com a população marginalizada e estudar o modos de como as apropriações e uso da cidade por parte da população LGBT.

Este estudo teve como precedente abrir pesquisas dentro da Geografia, Sexualidade e Gênero do campus da Unesp Ourinhos, uma vez que é escasso. Com novos precedentes para novas análises dentro da ciência geográfica. Diante disso, este estudo é de total relevância pois, abre um novo parecer sobre paradigmas já institucionalizado dentro da academia, abrimos um novo debate que devemos nos aprofundar, pois esses debates presentes dentro

de uma sociedade pós-industrial dividida entre raça, classe e gênero.

Assim para a população LGBT hoje desenvolve suas próprias culturas, entendemos enquanto sociedade essas especificações devem ser expostas, pois, é a partir das relações de poder perante ao espaço e território que elas são materializada. E como exposto, o poder é intrínseco a sexualidade, isso fica exemplificado e explanado com a crescente e maturação da literatura sobre geografia, gênero e sexualidade. Questões de poder e sexualidade surgem como frequência, em uma variedade de disciplinas das ciências humanas, políticas e saúde pública.

Os estudos desse campo estão interessados nas formas de como o poder pode influenciar na formação do espaço público até mesmo na estrutura da sexualidade humana e compreender como foi o processos históricos na relação com as dinâmicas espaciais, da construção e materialização da população LGBTQ+ e seu processo de marginalização.

A abordagem de gênero e sexualidade dentro da geografia, traz implicações importantes para o trabalho empírico, desenvolvendo abordagens que examinam o espaço geográficos, desenvolvendo a materialidade de habitantes e vivências que conceituariam series de atividades sociosexuais que incorporam o espaço e a composição dos nomes sociais do espaço público e privado, as quais os sentidos da sociedade moderna e capitalismo se desenvolvem. A ciência geográfica é a ciência do “ir a campo”, da observação da paisagem, da interações sociais e perguntas referente ao espaço. O que foi e terá sido a geografia a partir do queer? (BELL, 2011)

O conhecimento das sexualidades nos espaços, suas relações e experiências em contextos de pessoas exploram, moldam e expressam sua sexualidade, quais condições políticas, históricas, culturais geográficas e como as interações entre as pessoas definem a sexualidade dos dos outros, e como essas

interações são informadas pelas micro-relações de poder? O que acontece com identidades sexuais e relacionamentos sexuais como modos de poder que os constituem, informam e vinculam mudam ao longo do tempo? Como as percepções de poder diferem entre os envolvidos em determinado sexo situações? Como os acordos sociais permitem e refletem as relações de poder no espaço público e resguarda no espaço privado e como permitem a negociação é a possível reelaboração dessas relações?

Por onde os LGBTQ+ já foram em Ourinhos? Ao fazer esse tipo de pergunta, podemos abraçar uma investigação multiforme de relações de poder interligadas e procurar mais do que apenas representação da desigualdade ou construções simbólicas entre a geografia, gênero e sexualidade, porém mover focos para uma análise de múltiplos eixos de poder e sexualidade, pode enobrecer nossa produção e pensamento geográfico, encorajando a produção de trabalhos complexos, intelectualmente estimulantes e úteis.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Julia. Metropolitan lovers: the homosexuality and the city of cities. Minneapolis: Minnesota University Press, 2009. 35
- ABREU, Maurício de Almeida. Estudos geográficos da cidade no Brasil: evolução e avaliação (contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro). Revista brasileira de geografia, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, jan. / dez. 1994.
- BELL, David; BENNIE, Jon. Authenticating queer space: citizenship, urbanism and governance. Urban Studies , v.41, n.9, p. 1807-2004.
- BENNIE, Jon. Quatering sexualities: gay villages and sexual citizenship. In: BELL, David; JAYNE, M. (Ed.) City of quarters. Aldershot: Ashgate, 2004b
- BENNIE, Jon. The globalization of sexuality. London: Sage, 2004a.
- BENNIE, Jon; SKEGGS, B. Cosmopolitan knowledge and the production and consumption of sexualized space: Manchester's gay village. The Sociological Review, n. 52, p. 39-61, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRICKELL, Chris. Heroes and invaders: gay and lesbian pride parades and the public/private distinction in New Zealand media accounts. Gender, Place and Culture, v. 7 n. 22, 2000.
- BROWN, Michael. A geographer reads Geography Club: spatial metaphor and metonym in textual/sexual space. Cultural Geographies, n 12. P313-339, 2006.



CASTRO, Iná Elias (org.). Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996,

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. Reconceptualizing the idea of culture in geography: a reply to Don Mitchell. Transactions of the Institute of British Geographers, London, v. 21, n. 3, 1996, p.577.

FOUCAULT, Michael. Of others spaces. In: DEHAENE, Michael; DE CAUTER, Lieven (Ed.) Heterotopia and the city: public space in a post civil society. London: Routledge, 2008.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 57. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GREEN, James Naylor. Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP,

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GUATARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. Espaço & debates, São Paulo, ano V, n. 16, 1985.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Editora Lamparina. 2014

HILLMAN, James. Cidade. & alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. Território, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, jul. / dez. 1997.

JAYNE, Mark. Cities and consumption. London: Routledge, 2006.

LESS, Loretta. The emancipatory city: paradoxes and possibilities. London: Sage, 2004.

LYNCH, Kevin. La imagen de la ciudad.. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1974.

MAGNANI, José Guilherme C.. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MEIHY, J.C.S.B. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2002.

MENESES, Inês. Intimidade, norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa. Análise Social, v. 34. n. 34, n. 153, p. 933-955, 2000. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.

NARDI, Peter M. Gay men's friendships: invisible communities. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

PAIN, Rachel. Gender, race, age and fear in the city. Urban Studies, v. 38, n. 5-6, p. 899-013, 2001. p.902.



PRADO, Rosane Manhães. Cidade pequena: paraíso e inferno da personalidade. Cadernos de antropologia e imagem, Rio de Janeiro, n. 1, 1995. P. 35

RUSHBROOK, Derek. Cities queer space and the cosmopolitan tourist. Gay and Lesbian Quarterly, v 8, n.1-2, p. 183-206, 2002. Durham: Duke University Press.

SACK, Robert. Human territoriality: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SEDGWICK, Eva Kosofsky. Epistemologia do armário. Coimbra: Angelus Novus, 2004.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.9-39, 2000.

SILVA., Joseli Maria (Org.). Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. 313p.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. (Org) Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011. 263p.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.). Geografias Malditas: corpos, sexualidade e espaço. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013. 400p.

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer: cidade e homossexualidade - percepção e sociabilidades. Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos, Universidade de Coimbra, 2005. 208p.

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer: cidade e armário: quotidianos lésbicos e gays em espaços urbano. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, v1, n. 1, 2010.